

FACULDADE DE LETRAS
INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

CONIMBRIGA

VOLUME I



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

1959

FRANÇOIS VILLARD, *Les vases grecs*. (Col. «L'oeil du connaisseur»), Paris, Presses Universitaires de France, 1956. 1 vol. in 8º, de 110 pp.

Les vases grecs constituem uma introdução ao estudo da cerâmica grega (do séc. xi ao i a.C.).

Porque destinou a obra a antiquários de profissão ou por amorismo, não a ceramólogos, o Autor suprimiu as notas de pé de página, remissivas à literatura erudita sobre o assunto; não fez referência aos problemas abertos pelos historiadores da cerâmica grega e cuja discussão ainda se não pode considerar encerrada; procurou fazer uma obra «essencialmente prática».

Num cento de páginas, sòbriamente escritas mas sugestivas, tratou do que mais pode interessar àquela categoria de leitores a que a obra se destina: evolução das formas e da decoração; processos de fabrico; técnica de restauro; maneira de identificar uma peça; mais brevemente, refere-se ao valor documental e artístico dos vasos gregos, às principais colecções modernas, ao comércio dos vasos na Antiguidade e nos mercados modernos.

No final do volume o leitor encontra uma bibliografia escolhida e uma colecção de estampas. Esta colecção constitui uma das excelências da obra: os vasos reproduzidos documentam não só as formas mais frequentes da cerâmica grega (ânforas, crateras, lécitos, aríbalos, taças, etc.) como os vários estilos (cerâmica geométrica, orientalizante, de figuras negras e vermelhas, cerâmica helenística).

O Autor reproduz ainda certos pormenores de vasos, onde se observam cenas como o banquete, no qual os convivas bebem por esquifos; a fonte, onde as mulheres enchem as suas hídrias. Por este processo, mostra ao leitor como, nos motivos decorativos da própria cerâmica, se encontram elementos que permitem determinar a utilidade dos vários tipos conhecidos de vasos gregos.

J. ALARCÃO

ROBERT ÉTIENNE, *Le Culte Impérial dans la Péninsule Ibérique d'Auguste a Dioclétien* (Bibliothèque des Écoles Françaises d'Athènes et de Rome, fascicule cent quatre-vingt-onze), Paris, E. de Boccard, 1958, XII + 614 pp., 23 cartas e XVI estampas.

À já longa lista de obras sobre ç culto imperial veio recentemente juntar-se o trabalho do jovem professor da Faculdade de Letras de Bordéus, Robert Étienne. O seu livro ficará, certamente, como uma das mais logradas contribuições para um melhor conhecimento e apreciação do problema, e torna-se absolutamente indispensável a quem dele se queira ocupar.

Fazendo um esclarecido uso dos trabalhos anteriores, reservou no entanto um larguíssimo papel aos numerosos elementos de informação que a documentação

arqueológica, numismática e epigráfica fornece a todos os que tratam de problemas da história romana. E essa preocupação foi bem servida pelo conhecimento que o A. tem da bibliografia, da arqueologia, epigrafia e numismática peninsulares.

Na Introdução, depois de esboçar a sua tese, refere-se Étienne à extraordinária riqueza da documentação sobre as manifestações do culto imperial na Península: mais de 900 inscrições; moedas imperiais e coloniais, com mais de 100 tipos monetários; e os testemunhos arqueológicos, englobando cerca de 150 monumentos.

Explica também o A. o constante uso que fez dos métodos estatístico e geográfico, uso absolutamente justificado e que constitui, quanto a nós, um dos aspectos mais interessantes e sugestivos na estrutura geral do trabalho.

Infelizmente não nos é possível, nesta oportunidade, dedicar ao monumental livro de Robert Étienne todo o tempo de reflexão que ele bem merece, nem fazer a recensão crítica que desejaríamos publicar. Apenas, nesta nota de leitura, se procurará dar uma ideia do esquema e conteúdo de um trabalho que vivamente recomendamos a historiadores e arqueólogos.

A primeira parte do livro trata da «Proto-história do culto do chefe», e começa por um quadro etnográfico, a que se seguem os capítulos dedicados à organização política e estrutura social da Hispânia pré-romana, à mentalidade dos indígenas, ao culto do chefe estrangeiro, de Asdrúbal, a César.

A segunda parte, em que se estuda a organização do culto imperial, foi subdividida da seguinte maneira: o culto provincial; o culto de *conventus*; culto municipal; e colégios religiosos.

Na terceira parte, dedicada ao objecto de culto, a matéria está distribuída por três capítulos: o culto do imperador vivo e do imperador divinizado; o culto do *Genius* e do *Numen* o culto das virtudes imperiais e dos deuses augustos.

A quarta e última parte trata da evolução do culto imperial de Augusto a Diocleciano: Augusto e o nascimento do culto; Tibério e o estabelecimento do culto imperial; enfraquecimento, crise e conversão do culto imperial de Calígula a Domitiano; o florescimento do culto imperial sob os Antoninos; o declínio do século ui.

Naturalmente que, a uma obra de tal vulto, muitas observações se podem fazer: há omissões; há pontos que poderiam ter sido tratados de outra forma; há opiniões discutíveis; há falhas de bibliografia; etc., etc..

A verdade é que nenhuma delas diminui nem o mérito do autor, nem o interesse e valor do trabalho que, realmente, reputamos notável. Compreende-se muito bem que Étienne não cite, por exemplo, uma inscrição de Ossónoba, encontrada em 1940, dedicada a um *flamen* da província da Lusitânia, pois o estudo em que foi referida deve ter tido uma limitada divulgação (Mário Lyster Franco, *Outra inscrição inédita de Ossónoba*, Beja, 1940).

Uma observação que não queremos deixar de fazer, diz respeito ao frequentíssimo uso da palavra *Espanha* com o significado de *Península Ibérica*, ou na aceção de *Hispânia*. É certo que nas épocas a que o livro se reporta não estavam constituídas as fronteiras políticas dos dois países peninsulares, mas, precisamente por isso, deveria haver sempre o cuidado de escolher uma designação que abrangesse os dois sem esquecer nenhum (Península Ibérica, Hispânia).

Daqui resulta toda uma série de imprecisões ou, até, de confusões, como a de escrever-se que os *Espanhóis* (p. 70), consideraram, depois da sua morte, Viriato como um herói nacional; ou a de falar-se da resistência *espanhola* de 206 a 133.

Igualmente não compreendemos porque razão considera Étienne a C. Iulius Lacer como da Bética (p. 485), o que de resto está em contradição com a sua própria observação da nota 1 a p. 484. Também Curius Laco não era natural de *Igaedium*, mas sim de *Igaeditania* = Idanha a Velha, na Lusitânia (Portugal).

Já acima dissemos lamentar o facto de não nos ser possível dedicar a este trabalho todo o tempo de reflexão que ele merece. É possível que algumas impressões com que ficámos se modificassem. Por agora, não compartilhamos o optimismo do A. quanto à adesão espontânea dos Peninsulares ao culto imperial, que é, fundamentalmente, um poderoso e subtil instrumento de romanização e, corno tal, na maior parte dos casos, deve ter sido, já não digo imposto, mas hábilmente *sugerido* às populações peninsulares.

O que importa porém salientar é o grande serviço prestado por Robert Étienne ao ordenar a imensa e dispersa documentação; o escrúpulo e o entusiasmo com que o fez; os métodos que escolheu. Vivamente o felicitamos e, também vivamente, recomendamos a historiadores, epigrafistas e arqueólogos, a leitura do seu magnífico livro, rico de interesse e fértil em sugestões.

J. M. B. O.

Memorias de los Museos Arqueológicos Provinciales (Ministerio de Educación Nacional. Dirección General de Bellas Artes. Inspección General de Museos Arqueológicos), vols. XIII-XIV (1952-1953), Madrid, 1956, e vol. XV (1954), Madrid, 1958.

Embora lutando com algumas dificuldades, continua a Inspección General de Museos Arqueológicos do país vizinho a publicar as utilíssimas *Memorias de los Museos Arqueológicos Provinciales*. Nelas se vai dando notícia da actividade dos diversos museus dependentes daquele serviço, se vão divulgando as novas aquisições, estudando peças isoladas ou conjuntos, recolhendo as disposições oficiais relativas a museus.

Salientemos no Vol. XIII o estudo sobre «La colección de lucernas antiguas del Museo Arqueológico de Sevilla» (pp. 61-124), da autoria da infatigável investigadora que é a Dr.^a Concepción Fernández-Chicharro, em que são descritas e classificadas 339 peças, e que, como o anterior trabalho do Dr. Pedro de Palol sobre as do Museu de Gerona, representa uma importantíssima contribuição para o estudo das lucernas romanas em geral, e da Península Ibérica em particular.

No vol. XIV assinalamos a nota de Samuel de los Santos Gener (Director do Museu de Córdoba) sobre um tesouro de denários republicanos (pp. 28-29) e o estudo de Antonio Arribas sobre «El ajuar de las cuevas sepulcrales de los Blanquizaes de Lébor (Murcia)», a pp. 78-126.